



O ESPAÇO GEOGRÁFICO NO ENSINO DE GEOGRAFIA: UM CONTINUUM ENTRE NECESSIDADE BIOLÓGICA/EXISTENCIAL E CONJUNTO DE POSSIBILIDADES

THE GEOGRAPHIC SPACE IN GEOGRAPHY TEACHING: A CONTINUUM IN BETWEEN BIOLOGICAL/EXISTENTIAL NEED AND POSSIBILITY SET

EL ESPACIO GEOGRÁFICO EN LA ENSEÑANZA DE LA GEOGRAFÍA: UN CONTINUO ENTRE LA NECESIDAD BIOLÓGICA/EXISTENCIAL Y UN CONJUNTO DE POSIBILIDADES

Rodrigo Capelle Suess

Secretaria de Educação do Distrito Federal, Brasília, Distrito Federal, Brasil, rodrigo.capellesuess@gmail.com

Cristina Maria Costa Leite

Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil, criscostaleite@gmail.com

Resumo: Este trabalho tem como objetivo analisar e interpretar o espaço geográfico e suas múltiplas abordagens no ensino de Geografia na Educação Básica. Problematizou-se como a construção conceitual do espaço geográfico, enquanto atividade essencial do ensino de Geografia na Educação Básica, pode ser realizada, considerando-se as diversas perspectivas teórico-metodológicas. Como desdobramento, fruto de pesquisas bibliográficas e reflexões autorais, o desenvolvemos como um movimento contínuo entre: 1. Necessidade biológica/existencial — dimensão do sensível e o desenvolvimento do imagético do estudante para a construção da representação espacial; 2. como um elemento de construção dialética entre identidade cultural/pertencimento geográfico e a compreensão da diversidade/diferença no mundo; 3. como objeto de estudo da Geografia – síntese do conhecimento geográfico; 4. na dimensão de seus conceitos operacionais e escalas geográficas; 5. como um instrumento lógico e sistêmico de leitura e intervenção no mundo; 6. como crítica e superação social do capitalismo e seus ajustes espaciais; e 7. como conjunto de possibilidades de transformação e transposição da realidade. Assim, acreditamos que tais abordagens no ensino de Geografia corroboram com o desenvolvimento de sua complexidade, desde a compreensão de espaço geográfico em suas partes, pela divisão do conteúdo, até a sua totalização, pela síntese do conhecimento geográfico, num processo permanente e dialético de aguçamento, destreza e formação de sensibilidades, habilidades e pensamentos geográficos.

Palavras-chave: Educação Geográfica, ensino de Geografia, conceitos geográficos, conhecimento geográfico.



Abstract: This paper aims at analyzing and interpreting the geographic space and its multiple approaches towards the Geography teaching in Basic Education. It was questioned how the conceptual construction of geographic space, as an essential activity of teaching Geography in Basic Education, can be carried out, considering the different theoretical-methodological perspectives. As a unfolding, the result of bibliographical research and authorial reflections, we developed it as a continuum movement among: 1. Biological/existential need — sensitive dimension and the student's imagistic development towards the construction of spatial representation; 2. as an element of dialectic construction between cultural identity/geographic sense of belonging and the comprehension over diversity/difference in the world; 3. as a Geography object of study – synthesis of geographic knowledge; 4. in the dimension of its operational concepts and geographic scales; 5. as a logical and systemic instrument of reading and world intervention; 6. as criticism and social surpassing of capitalism and its spatial adjustments; and 7. as a set of possibilities on reality transformation and transposition. Thereby, we believe that such approaches in Geography teaching corroborate with the development of its complexity, from the understanding of geographic space in its parts, by the division of the content, to its totalization, by the synthesis of geographic knowledge, in a permanent and dialectical process of sharpening, dexterity and formation of geographic sensibilities, abilities and thinkings.

Keywords: geographic education, geographic concepts, geographic knowledge, geography teaching.

Resumen: Este trabajo tiene como objetivo analizar e interpretar el espacio geográfico y sus múltiples enfoques para la enseñanza de la Geografía en la Educación Básica. Se cuestionó cómo se puede realizar la construcción conceptual del espacio geográfico, como actividad esencial de la enseñanza de la Geografía en la Educación Básica, considerando las diferentes perspectivas teórico-metodológicas. Como un desdoblamiento, resultado de investigaciones bibliográficas y reflexiones autorales, lo desarrollamos como un movimiento continuo entre: 1. Necesidad biológica/existencial —la dimensión de lo sensible y el desarrollo del imaginario del estudiante para la construcción de la representación espacial; 2. como elemento en la construcción dialéctica entre identidad cultural/pertenencia geográfica y la comprensión de la diversidad/diferencia en el mundo; 3. como objeto de estudio de la Geografía y síntesis del conocimiento geográfico; 4. la dimensión de sus conceptos operativos y escalas geográficas; 5. como instrumento lógico y sistémico en la lectura y en la intervención en el mundo; 6. como crítica y superación social del capitalismo y sus ajustes espaciales; y 7. como conjunto de posibilidades de transformación y transposición de la realidad. Por lo tanto, creemos que tales enfoques en la enseñanza de la Geografía corroborar con el desarrollo de su complejidad, desde la comprensión del espacio geográfico en sus partes, por la división del contenido, hasta su totalización, por la síntesis del saber geográfico, en un proceso permanente y dialéctico de agudización, destreza y formación de sensibilidades, habilidades y pensamientos geográficos.

Palabras-clave: educación geográfica, enseñanza de la geografía, conceptos geográficos, conocimientos geográficos.

Introdução

O objetivo deste texto é desenvolver uma análise e interpretação do espaço geográfico e suas possíveis abordagens na Educação Geográfica no âmbito da Educação Básica. Elas refletem um ponto de vista epistemológico, uma visão de um problema, uma maneira pela qual o assunto é compreendido, um modo de nos aproximarmos do conteúdo que reflete a interrelação entre o conhecimento específico da Geografia acadêmica (conhecimento do conteúdo) e o conhecimento específico da Geografia escolar (conhecimento didático e pedagógico do conteúdo) (SHULMAN, 1987).

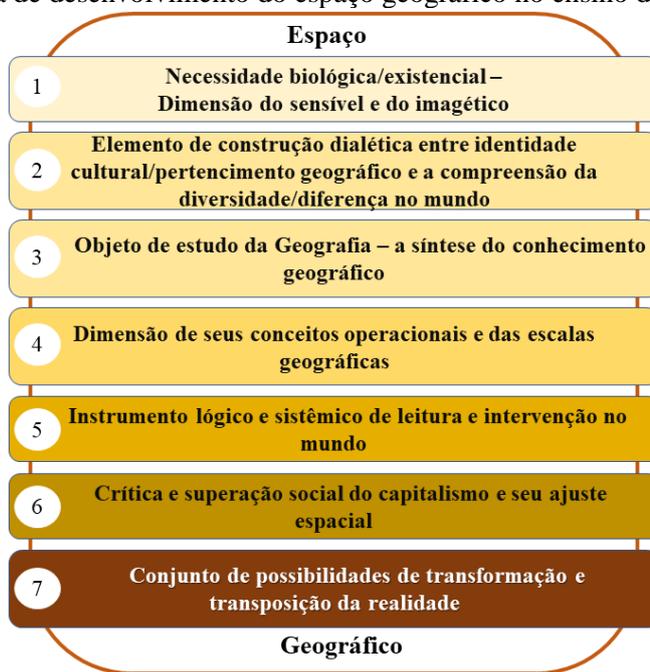
O espaço geográfico é o conceito mais amplo e complexo da Geografia, considerado a principal categoria analítica da ciência geográfica. Sua abordagem inicial na educação desenvolve-se na perspectiva de apresentar a Geografia enquanto disciplina escolar, sua composição e caracterização, seu objeto de estudo, as dimensões de seu saber e a multiplicidade de escalas, conceitos e temas. Trata-se de conteúdo geral e específico da Geografia na escola, que não se limita a uma abordagem pontual, mas contínua e duradora, constituindo-se em síntese e totalidade do conhecimento geográfico. Por meio de suas categorias internas ou conceitos operacionais (SANTOS, 2012; CAVALCANTI, 2019), tais como paisagem, lugar, região e território, configura-se em instrumento interpretativo e analítico da sociedade, que coopera com o desenvolvimento de sensibilidades, habilidades e pensamentos espaciais/geográficos, modos próprios de sentir, pensar, situar e atuar geograficamente, conforme previamente desenvolvido por Suess (2022).

Como proposta autoral, propomos trabalhar a construção conceitual do espaço geográfico e as suas abordagens na Educação Básica, especialmente nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio, em uma perspectiva dialética entre o método fenomenológico, com objetivo de desenvolver as sensibilidades, e o método dialético, para o desenvolvimento do pensamento lógico e dialético, como propostas inter e transmetodológicas. Desse modo, temos como problema de pesquisa a seguinte questão: como a construção conceitual do espaço geográfico, enquanto atividade essencial do ensino de Geografia na Educação Básica, pode ser realizada, considerando-se as diversas perspectivas teórico-metodológicas da Geografia?

Para essa formulação, contamos com pesquisa bibliográfica – artigos, livros e estudos monográficos – bem como reflexões e proposições dos autores deste trabalho. Assim, nosso ponto de partida foi o espaço geográfico, como necessidade biológica e existencial, em direção a um *continuum* de conjunto de possibilidades e horizontes.

Desse modo, selecionamos, por suas importâncias, e desenvolvemos as abordagens do espaço geográfico como: 1. Necessidade biológica/existencial – dimensão do sensível e o desenvolvimento do imagético do estudante para a construção da representação espacial; 2. como um elemento de construção dialética entre identidade cultural/pertencimento geográfico e a compreensão da diversidade/diferença no mundo; 3. como objeto de estudo da Geografia – síntese do conhecimento geográfico; 4. na dimensão de seus conceitos operacionais e escalas geográficas; 5. como um instrumento lógico e sistêmico de leitura e intervenção no mundo; 6. como crítica e superação social do capitalismo e seus ajustes espaciais; 7. como conjunto de possibilidades de transformação e transposição da realidade. Assim, consideramos que tal desenvolvimento fortalece a Geografia que ocorre na escola, uma vez que favorece o desenvolvimento da sua complexidade (Figura 1).

Figura 1 – Proposta de desenvolvimento do espaço geográfico no ensino de Geografia.



Fonte: elaborado pelo autor.

Da mesma forma que compreendemos a necessidade de o professor partir do mundo concreto do estudante para a mediação de uma compreensão mais abstrata do espaço geográfico, acreditamos que esse desenvolvimento deva iniciar de concepções mais simples e elementares em direção às concepções mais elaboradas, complexas e sistematizadas, desenvolvidas continuamente na Educação Básica. Para isso, levamos em consideração o processo de maturidade biológica e social do estudante, o estágio de consciência espacial/geográfica, as operações mentais e as funções intelectuais de seu domínio, bem como

a sua capacidade de identificar, abstrair, classificar, analisar, generalizar, sistematizar, sintetizar, formar conceitos científicos e resolver problemas (VIGOTSKI, 1989).

1. O espaço geográfico como dimensão do sensível e o desenvolvimento do imagético do estudante

Como primeira fase de construção do conhecimento do espaço geográfico, defendemos que o professor, junto ao estudante, mobilize a Geografia pela sensibilidade ao causar impressões pela dimensão espacial sensível, cooperando para o desenvolvimento da capacidade dos estudantes de se situar, se orientar e construir traçados do mundo e de si mesmo, por meio da observação, experiência, percepção, intuição, interpretação, imaginação, criatividade, representação e originalidade geográficas. Por isso, é necessário desenvolver, antes de formulações mais complexas de pensamentos, formas de aguçar a sensibilidade geográfica dos estudantes pelo sentir geograficamente. Isso significa tornar visível o antes invisível quando desenvolvemos a capacidade do estudante de ver geograficamente. Essa habilidade materializa-se na instrumentalização de formas de ver por meio de imagens, desenhos, quadros, tabelas, mapas mentais e cartogramas, uma vez que entendemos o desenvolvimento da imaginação geográfica como processo indispensável e indissociável do pensar geograficamente (GOMES, 2017).

Dessa forma, defendemos que a leitura de espaço realizada com os estudantes, desde os primeiros anos do ensino fundamental, seja uma apresentação palatável para a sua compreensão, com uma linguagem acessível, atraente, lúdica e aceitável. Nessa etapa operacional inicial, trata-se de desenvolver no estudante a capacidade de imaginar um espaço ausente, o espaço geográfico, a partir de elementos presentes no cotidiano, partindo-se da percepção para o desenvolvimento da cognição e do imagético ao permitir a representação do espaço, avançando continuamente as relações topológicas elementares, as decorrentes do processo de descentralização (ordem, sucessão, envolvimento, continuidade, para destacar algumas), as projetivas e euclidianas. No processo de conformação da percepção espacial, aquelas relações espaciais possibilitam ao estudante desenvolver noções de proximidade e vizinhança, ponto de vista espacial, conjunto de relações, projeção de caminhos geográficos, dimensão real e dimensão no mapa, coordenação de pontos de vistas, compreensão de perspectivas, construção de paisagens imaginárias, representações sensitivas, análises relacionadas e reflexivas, pensamento espacial sistemático, conservação de medidas e noções de distâncias geométricas, percepção de escalas e o próprio pensamento espacial como

subsídio ao desenvolvimento do raciocínio geográfico (PIAGET; INHELDER, 1977; COSTELLA, 2008).

2. O espaço geográfico como um elemento de construção dialética entre identidade cultural/pertencimento geográfico e a compreensão da diversidade/diferença no mundo

Nesse aspecto, acreditamos que uma das primeiras dimensões conceituais e atitudinais do ensino de Geografia, na Educação Básica, seja a construção da noção de espaço geográfico como um elemento de construção de identidade cultural, do pertencimento geográfico e do sentido profundo de lugar, como parte de uma formação cidadã. Para isso, podemos mobilizar a dimensão do espaço vivido, a dimensão da experiência, do sensível e dos significados ao desenvolver a compreensão da Terra como lar das pessoas e a Geografia como uma linguagem de interpretação dos signos geográficos no mundo, a fim de nele encontrar a condição humana e terrestre que dá sentido à nossa vida. Em termos mais complexos, podemos desenvolver com os estudantes a compreensão de como o afetivo e o vivido constroem sistemas de significados, que compõem o espaço e a cultura do ser humano (TUAN, 1982; DARDEL, 2011; COSGROVE, 2012).

Dessa maneira, acreditamos tratar-se de um movimento dialético no qual aprendemos a ser nós mesmos, em um mundo compartilhado com outros, ao reconhecermos a dimensão da identidade e diversidade humana. Trata-se de trabalhar o espaço como coexistência contemporânea de outros, como uma esfera de possibilidade da existência da multiplicidade, como espaço síntese da diferença/heterogeneidade/multiplicidade/pluralidade (MASSEY, 2008).

3. O espaço geográfico como objeto de estudo da geografia – a síntese do conhecimento geográfico

O espaço geográfico deve ser desenvolvido como objeto de estudo da Geografia e como síntese do conhecimento geográfico. Dessa maneira, devemos construir uma noção geral de espaço geográfico como um espaço apropriado, modificado, construído e (re)produzido pelo ser humano por meio de suas atividades, como a coleta, caça, agricultura, indústria, comércio, serviços e outras práticas sociais, desenvolvidas em um dado espaço e tempo, que passam por constantes transformações devido ao desenvolvimento de técnicas, ferramentas materiais e intelectuais, criadas e aperfeiçoadas pelo saber da continuidade humana e pela (re)organização do trabalho. Constitui-se, então, condição, meio e produto das relações sociais, pois, ao produzirmos nossa vida, produzimos o espaço geográfico, a

espacialidade humana, a dimensão geográfica, imagem e semelhança da sociedade e a qualidade de ser da Geografia (CARLOS, 2007).

Ao estudante, é necessário compreender que esse espaço reflete a relação dialética entre sociedade (ser humano) e natureza, pois os seres humanos apropriam-se do espaço natural e transformam-no em uma segunda natureza, o espaço natural humanizado. Esse resultado, sempre provisório, torna-o num híbrido entre natureza e sociedade. Nessa lógica, o ensino de Geografia precisa desenvolver e superar diversas concepções dicotômicas e dualistas que separam a natureza da sociedade (ser humano). Nesse caminho, em relação à abordagem de natureza, precisamos superar: a) a compreensão naturalista, que aceita apenas os seus aspectos físicos e biológicos, dissociando-se da sociedade; b) a compreensão mercantilista, que a explora apenas como um recurso econômico, mercadoria e valor de produção capitalista; e c) a compreensão externalista, que considera o ser humano e a natureza como elementos distintos. Propõe-se, então, o desenvolvimento de uma visão socioambientalista e internalista da natureza ao desenvolver a complexidade do ensino de Geografia, por meio das imbricações entre as relações naturais e sociais, como algo pertencente e inseparável da vida humana (SANTOS, 2012; MORAIS, 2011; ALMEIDA, 2004; SUERTEGARAY; DE PAULA, 2019; MOREIRA, 2014).

Os conteúdos escolares e os processos de formação, empreendidos por uma educação geográfica comprometida com a transformação social, devem superar, pelo ensino de Geografia, a visão limitante e preconceituosa de concepção externalista da natureza, que reforça a dicotomia homem-natureza ao colocar, de um lado, uma natureza hostil, que precisa ser dominada pelo ser humano e, de outro, uma natureza virtuosa e bondosa, que é destruída pela ganância humana, para assim construir, continuamente, o processo de internalização da natureza, o sentimento de que somos natureza, que ela é indivisível de cada um de nós e nós somos indivisíveis do que ela é. Trata-se de superar o desenvolvimento antropocêntrico, que mercantiliza e segrega a natureza no que é útil e no que é inútil para os seres humanos quando trabalhamos em uma lógica de eliminação. Dessa forma, acreditamos que a superação dessa lógica reducionista é um passo necessário para questionar o processo de exclusão dos seres humanos dela, e, ainda, como se dá o processo de sua ocupação desigual e combinada na sociedade (MORAIS, 2011; FIGUERÓ, 2015). Trata-se, portanto, de uma compreensão de extrema relevância a ser desenvolvida com os estudantes, pois, conforme destaca Moreira (2014), quando mudamos o conceito de natureza e o conceito de ser humano, mudamos completamente a nossa ideia de Geografia.

Outra importante compreensão dialética diz respeito à relação indissociável entre espaço e tempo, no sentido de compreender o espaço como uma forma/corpo do tempo, uma condição de sua realização qualificada. Esse aspecto permite o trabalho interdisciplinar em ciências humanas, pois, de acordo com Reclus, “a Geografia é a História vista no espaço, assim como a História é a Geografia vista no tempo” (RECLUS *apud* MOREIRA, 2019, p. 13). Nessa relação, desenvolvemos a compreensão do espaço geográfico como um produto histórico, no qual podemos entender a evolução espaço-temporal da humanidade. Desse modo, acreditamos ser o estudo das técnicas, como materialização da possibilidade histórica de realização das sociedades, uma importante tarefa da Geografia escolar. Além disso, outra compreensão importante nessa abordagem refere-se ao entendimento do que é a acumulação desigual de tempo que gera o movimento do mundo. Nesse sentido, para os estudos geográficos, é por meio da compreensão desse movimento geral que comprovamos a realização geográfica da sociedade. Trata-se de reconhecer com os estudantes que o espaço da Geografia é um espaço animado pelos movimentos solares e pela vida humana (MOREIRA, 2019; SANTOS, 2012, 2013).

No ensino, podemos utilizar as formas geográficas como ponto de partida para a compreensão do conteúdo que cerca a vida. Significa compreender que as formas geográficas são sempre resguardadas de conteúdo social. Em um movimento dialético, no processo de ensino-aprendizagem, o conteúdo social ganha nova dimensão ao encaixar-se na forma espacial, que ganha nova dimensão ao encaixar-se no conteúdo social, o que coopera para o desenvolvimento do pensamento espacial/geográfico. Assim, no manejo do conteúdo, o professor de Geografia pode mobilizar o espaço geográfico como forma geral de síntese do conhecimento geográfico, do processo e do resultado, da função e da forma, dos objetos, ações e significados, do natural e social, do passado, presente e futuro. E, como forma específica de análise do conhecimento geográfico, pelo estudo do espaço natural, do espaço vivido, do espaço urbano, do espaço rural, do espaço regional e do espaço mundial, como definidores das formas-conteúdos dos sistemas naturais, do vivido, da cidade, do campo, da região e do mundo. Nessa perspectiva, em um movimento de desenvolvimento de operações sensíveis e lógicas, permite-se compreender as partes e o todo, o todo e as partes, obtendo do espaço geográfico a síntese do conhecimento geográfico construído em sala de aula (SANTOS, 2012; STEINBERGER, 2013).

4. O espaço geográfico na dimensão de seus conceitos operacionais e das escalas geográficas

Nessa possibilidade, podemos entender o espaço enquanto totalidade social, enquanto categoria que se materializa na esfera do pensamento geográfico, em que sua realização prática dá-se por meios de categorias internas, conhecidas como conceitos operacionais (CAVALCANTI, 2019). Eles são instrumentos teóricos que permitem tanto ao professor, quanto ao estudante, realizar leituras de mundo e construção de novos conhecimentos geográficos. Nesse sentido, devemos operacionalizar estruturas psicológicas mais simples e elementares como a tomada de consciência do espaço vivido, a observação da paisagem, o desenho do lugar e a delimitação do espaço em direção ao desenvolvimento de estruturas mentais mais elaboradas e complexas, como a classificação e tipificação do espaço, o reconhecimento da identidade geográfica, o ordenamento e construção lógica do espaço, a compreensão das geometrias de poder, a apropriação simbólica/cultural do espaço, o reordenamento do território e a imaginação e criatividade espacial (SANTOS, 2012; TUAN, 2013; MASSEY, 2008; HAESBAERT, 2016).

A paisagem é uma importante ferramenta geográfica para a construção da noção do espaço geográfico por meio da percepção humana e de seus sentidos. Assim, o que o estudante conhece inicialmente sobre espaço geográfico é dado pelas cores, volumes, feições e distâncias captadas pela visão, pelo cheiro e odores identificados pelo olfato, pelos sons, ruídos e melodias captadas pela audição, pelos gostos e sabores captados pelo paladar e pela sensação provocada no corpo pelas condições ambientais, além da conexão que estabelecemos com as pessoas e outros seres vivos (SANTOS, 2012; TUAN, 2012). Logo, o estudante pode perceber as formas, as heranças espaciais, o trabalho acumulado da sociedade, as dimensões do vivido e do simbólico, o que lhes permite formar construções mentais da sociedade e do espaço geográfico. Em termos mais amplos, a compreensão desse conceito é necessária para que os estudantes compreendam os elementos físico-naturais, o processo de ocupação e evolução humana desigual e combinada no espaço e no tempo (BRASIL, 2017).

O lugar é a ponte para que o estudante possa compreender o global, pois, diante do conjunto de possibilidades que o espaço geográfico oferece, ele é uma oportunidade de realizações, um arranjo específico de variáveis, tornando uma combinação única de realização do espaço geográfico. Esse é outro conceito fundamental para a construção do conhecimento geográfico na Educação Básica, pois interliga a experiência espacialmente vivida do sujeito com o conteúdo sistematizado a ser apreendido. Por meio dele, estudantes e professores

podem tomar consciência das experiências do mundo vivido, compreender a construção do lugar como uma construção de significados espaciais, em que um indivíduo ou grupo atribui significados ao espaço com o qual se relacionam. Esse conceito vincula-se à estabilidade de sentimentos, que pode contribuir para a construção de conhecimentos geográficos no ensino. Isso possibilita o desenvolvimento do conteúdo e permite ao estudante ampliar a consciência de si mesmo e do mundo, construir sua identidade, o sentido de pertencimento e criação de sonhos geográficos (SANTOS, 2012; TUAN, 1975, 2013; MARANDOLA JR., 2012). Dessa maneira, compreendemos que paisagem e lugar – combinados – servem para o professor trabalhar a situação geográfica do estudante e do conteúdo, situando-os para que possa se enxergar nele.

A região é outro conceito operacional, não tão valorizado, mas presente na divisão e integração do conhecimento geográfico. Em termos mais práticos, regionalizar é sinônimo de dividir, fragmentar, tomar uma direção, definir e delimitar uma área, recortar o espaço conforme critérios previamente definidos. Esse conceito ganha contornos ideográficos, isso é, contornos particulares e individuais, sem pretensões de generalização, ao ser associado à identidade de um espaço médio, ao respeito às especificidades e singularidades, como um diferenciador de áreas, representando uma personalidade do espaço geográfico, mas, igualmente, um lócus da produção da diferença. Em termos mais técnicos, a região é uma forma de classificação e compreensão de padrões espaciais, criação de setores geográficos, divisões político-administrativas do Estado-Nação e blocos regionais. Sua dimensão geográfica relaciona-se com qualquer nível de escala abaixo do nível global, realizando-se em uma mesoescala entre os cômodos e a casa, a casa e a quadra, a quadra e a cidade, a cidade e o Estado, os Estados e o Nacional, o Nacional e o Global. Enfim, região como parte de um todo (LENCIONI, 1999; SOUZA, 2013; HAESBAERT, 2014).

Por isso, acreditamos que o conceito de região possa ser utilizado tanto no que diz respeito às singularidades e diferenças, como na articulação de identidades compartilhadas, para uma coexistência harmônica e para o desenvolvimento de um projeto coletivo de transformação social, sendo, portanto, um conceito integrador do conhecimento geográfico. Dessa maneira, acreditamos que a abordagem da região no conteúdo didático deve operacionalizar esse conceito em uma abordagem mais realista, com um fato, como algo vivido e produzido, como uma realidade a ser conhecida. Além disso, mas igualmente em uma abordagem mais racionalista, a região deve ser entendida como um artifício ou constructo, um instrumento metodológico, como operação geográfica que atende os requisitos do investigador; a região em um sentido mais normativo, ou pragmático-político, ao

pensarmos em como a região deve ser, ao considerá-la como um instrumento de planejamento e ação. Assim, defendemos que, em uma instância integradora, a região possa ser desenvolvida como um artefato, imbricação entre fato e artifício, a regionalização como um processo de criação, autofazer-se (arte) sob uma realidade produzida e articulada (fato), sendo, portanto, um instrumento geográfico de intervenção no mundo. Dessa maneira, a região é de grande valia ao professor de Geografia na divisão e integração do conteúdo geográfico no estudo das interrelações de áreas, cidades, regiões, continentes, blocos econômicos, nós e redes (HAESBAERT, 2014).

Assim, região e território são importantes conceitos operacionais que fortalecem a compreensão da globalização e do meio técnico-científico-informacional, colocando-se à serviço da compreensão das desigualdades geográficas. O território envolve a dimensão do poder na perspectiva de sua espacialidade, sendo definido e delimitado por e a partir de relações de poder. Assim, cabe ao professor desenvolver noções mais básicas como a delimitação do espaço do Estado – soberania, limites, fronteiras, identidade – às noções mais complexas como a apropriação simbólica/cultural e a dominação territorial – poder, conflitos, guerras (HAESBAERT, 2016).

Cabe ao ensino de Geografia (com abordagem humanista e crítica) cooperar com a superação da noção de território como uma área de feições e relações de poder relativamente homogêneas, que justificam o controle de acesso aos espaços e fluxos de pessoas e bens; possibilitar que o estudante realize uma releitura do território também como rede, centrada no movimento e na conexão em diferentes escalas. Em último estágio, devemos trabalhar o território numa concepção multiescalar e não exclusivista de território, na perspectiva da multiterritorialidade, como um híbrido, seja entre o mundo material e ideal, seja entre natureza e sociedade, em suas múltiplas esferas (econômica, política e cultural). Assim, podemos trabalhar desde a territorialidade, no plano de ação, paixões, significados e expressões simbólicas dos indivíduos e/ou grupos em determinado espaço, à desterritorialização, que rompe o elo entre esses indivíduos e/ou grupos e seus espaços de produção e reprodução de suas vidas, desterritorializados em linha de fuga, significando, igualmente, o fim do território e o predomínio das redes. Nessa lógica, os estudantes devem desenvolver a capacidade de compreender que o desenvolvimento da paisagem do capitalismo é sempre um movimento de territorialização e desterritorialização, que provoca dialeticamente a riqueza, de um lado, e pobreza, de outro, segundo a sua lógica de acumulação (HAESBAERT, 2016; HARVEY, 2004). Dessa maneira, o professor dispõe de uma importante ferramenta de mobilização do conhecimento geográfico para a sua dimensão

política de defesa da sobrevivência, do direito de existir, do direito à diversidade, à cidade e ao campo, além do direito à globalização, considerando-se as escalas de resistências e lutas de classes.

Nesse aspecto, para o desenvolvimento da complexidade no ensino de Geografia, acreditamos que todos esses conceitos operacionais devam ser mobilizados em relação às diversas escalas geográficas, permitindo que os estudantes compreendam as relações existentes entre os acontecimentos nos níveis local, regional, nacional, internacional e global, desenvolvendo o pensamento espacial/geográfico multiescalar por meio de uma formação que torne-o cidadão do lugar e cosmopolita do mundo. Para isso, devemos observar e desenvolver a consciência de escalas mais próximas e elementares, como o corpo, a vida familiar, o pertencimento a grupos, os espaços de convivência, as interações espaciais mais complexas, como os percursos entre setores da cidade e do campo, deslocamentos nas metrópoles, entre cidades vizinhas, entre cidades do mesmo estado, viagens para outros locais, vivência da cidade e do campo, conexão com o mundo por meio da rede global de computadores, *streaming*, *smartphones* e redes sociais. Essa compreensão deve permitir aos estudantes compreender a escala da interferência humana no planeta: saber ir do lugar para o mundo, do mundo para o lugar, reconhecer o lugar no mundo, o mundo no lugar, o lugar-mundo e mundo-lugar; permitir que os estudantes compreendam não somente a escala cartográfica, mas, indissociavelmente, a escala geográfica (CASTRO, 2017). Nessa perspectiva, desenvolver noções de: centro/margem/periferia; interno/externo; interior/exterior; internalização/externalização; perto/longe; pertencente/não pertencente nas dimensões físico, natural, afetivo, filosófico, social, cultural, econômico, político, histórico, concreto, abstrato e numérico.

12

5. O espaço geográfico como um instrumento lógico e sistêmico de leitura e intervenção no mundo

Compreendemos que, após o professor explorar as dimensões mais sensíveis e próximas do reconhecimento do estudante no mundo, é oportuno o processo de instrumentalização e sistematização do conhecimento geográfico, concebendo o espaço geográfico como um instrumento lógico e sistêmico de leitura e intervenção no mundo. Nessa seara, cabe-nos apresentar: o sistema de coordenadas geográficas como um sistema de localização explicativo; a interdependência entre sistemas naturais e sistemas sociais; o espaço como um arranjo espacial e sua relação com a troca metabólica entre homem e natureza; as razões e os porquês das posições e situações espaciais - a ordem espacial das

coisas, pessoas e fenômenos. Busca-se tecer construções mentais mais elaboradas e complexas que permitam ao estudante enxergar o espaço geográfico como um conjunto de sistemas, relacionais e indissociáveis, de objetos, ações e significados, técnico e subjetivo, que operam, dialeticamente, em uma lógica espacial contínua, contígua e/ou reticular (SANTOS, 2012; MOREIRA, 2019; GOMES, 2017; HAESBAERT, 2016).

Como exemplo, podemos levar os estudantes a compreender que as casas, os prédios, as plantações, os carros, as estradas, as fábricas, as cidades, o relevo e a crosta terrestre estão relacionados, indissociavelmente, com a habitação, o trabalho, a agricultura, o comércio, os serviços, a industrialização, a circulação, as manifestações do cotidiano, as viagens, a poluição e a preservação, entre outros. Possibilita-se, dessa maneira, o ordenamento desses objetos, ações e significados em um sistema de pensamento, no qual o espaço geográfico é a sua principal categoria, atribuindo à ciência geográfica um sistema próprio de pensamento que permite ler o mundo e refazê-lo.

6. O espaço geográfico como crítica e superação social do capitalismo e seu ajuste espacial

Outra abordagem de extrema relevância é o espaço geográfico como crítica e superação social do capitalismo e os seus ajustes espaciais. Nessa linha, podemos trabalhar na perspectiva de compreender as leis que operam no contexto da distribuição geográfica desigual e combinada do capitalismo ao promovermos o desenvolvimento em regiões concentradas e pobreza em áreas menos privilegiadas, seguindo a lógica do capital e da mercadoria. Pelas lentes da Geografia, compreendemos como a divisão internacional do trabalho, enquanto processo, materializa a divisão territorial do trabalho como seu produto e resultado. Esse ótica (re)posiciona a Geografia como um estudo comprometido com a radicalidade dos problemas sociais e espaciais por meio do desenvolvimento de uma teoria crítica radical ao capitalismo, pelo estudo do espaço e das formas de apropriação da natureza, por meio da análise dos reajustes espaciais, das barreiras espaciais, das diferenciações geográficas, da globalização/desenvolvimento geográfico desiguais e da desterritorialização, levando as lutas de classes para a discussão do direito ao espaço. Assim, entendemos que o desenvolvimento de uma dimensão crítica do espaço pode permitir a transformação e superação do espaço geográfico como uma perversidade (HARVEY, 2004, 2015; SANTOS, 2011).

Devemos refletir com os nossos estudantes sobre os impactos da concentração de recursos em um cenário em que os recursos são limitados e como esse processo produz uma espiral de desigualdades geográficas em todas as escalas, desde a microescala do corpo à macroescala do global político-econômico. Por isso, precisamos desenvolver uma atuação dialética que nos permita atuar em ambas as escalas espaciais, ao mesmo tempo, libertando a humanidade em favor de seu próprio desenvolvimento, em uma multiplicidade de escalas e diferenças (HARVEY, 2004; HAESBAERT, 2017).

O espaço geográfico como um conjunto de possibilidades de transformação e transposição da realidade por meio do ensino de Geografia

Os desenvolvimentos das noções de espaço geográfico, elencados anteriormente, devem permitir, aos estudantes, o desenvolvimento da compreensão do espaço geográfico em sua totalidade. Nessa lógica, devemos compreender o que fomos (passado), o que somos (presente) e o que podemos ser (futuro) na perspectiva de (re)construir, coletivamente, esse espaço pela formação de estudantes enquanto seres ativos da transformação social.

Dessa forma, almeja-se que o ensino de Geografia realizado na escola possa integrar o processo educativo maior de formação integral do ser humano, através da compreensão da espacialidade dos fenômenos e da geograficidade que envolve a relação da sociedade (ser humano) consigo mesmo e com a natureza. Isso envolve o aperfeiçoamento da compreensão geográfica da sociedade, que qualifica a atuação humana no desenvolvimento sustentável e na superação das desigualdades e desajustes espaciais, colocando-se como um sistema de pensamento a serviço da transformação e transposição da realidade. Toda essa questão permite-nos repensar as diversas estruturas espaciais de poder que sufocam e oprimem todo o conteúdo da vida humana na sociedade contemporânea, como é o caso do machismo, do racismo, da lgbtqiap+fobia, do patriarcado, através de uma espiral de libertação e transbordamento do corpo, da mente e da alma que possam romper os nossos mais arcaicos condicionantes espaciais.

Considerações

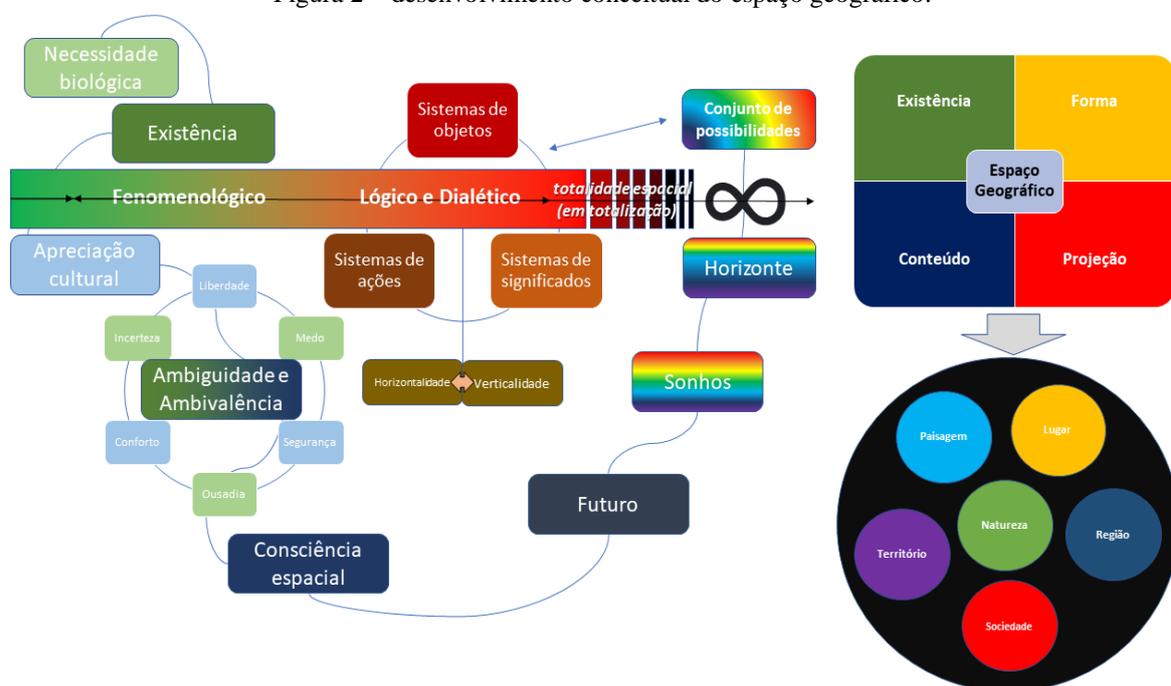
Respondendo à nossa pergunta de pesquisa, acreditamos que uma compreensão complexa da Geografia e do Espaço Geográfico na Educação Básica possa acontecer somente através do imbricamento de diversas perspectivas teórico-metodológicas que saibam separar-se, quando necessário, e unir-se, sempre que possível, por meio da unidade na diversidade dos

conteúdos da vida. Assim, só podemos desenvolver a construção conceitual do espaço geográfico no ensino de Geografia enquanto um *continuum* entre necessidade biológica/existencial e um conjunto de possibilidades, dadas as potencialidades dos métodos fenomenológico e dialético (Figura 2). Dessa forma, a fenomenologia ajuda-nos no desenvolvimento de uma fluidificação, de um *continuum*, que soma-se com a contribuição do método dialético, no desenvolvimento de um pensamento lógico e dialético, no fazer de uma revolução histórica-geográfica desigual permanente e dialética.

Para isso, precisamos sensibilizar os estudantes para reconhecerem-se no espelho, como o reflexo de um ser humano que pode ser mais, em uma sociedade na qual a dignidade e as condições mínimas de qualidade de vida não são universalizadas. Um ser humano com singularidades e particularidades, mas com causas, aflições e sonhos compartilhados, que podem ser articulados e integrados em torno de um projeto de transformação geográfica em comum, um conjunto de possibilidades. Após essa abertura, a Educação Geográfica pode fornecer e fomentar a autoria de instrumentos teóricos e práticos necessários para uma intervenção no mundo qualificada e consciente por parte dos educandos em formação. Por isso, precisamos fomentar, por meio do ensino de Geografia, o desenvolvimento do utopismo geográfico como resultado da imaginação e criatividade geográfica, pois, se aceitarmos que a sociedade é construída e imaginada, ela também pode ser reconstruída e reimaginada em modelos alternativos de desenvolvimentos (FREIRE, 2013; SANTOS, 2012; HARVEY, 2004).

15

Figura 2 – desenvolvimento conceitual do espaço geográfico.



Fonte: elaborado por Suess (2022) com base em Santos (2012) e Tuan (2013)

Nessa lógica, precisamos desenvolver a nossa sensibilidade geográfica, a habilidade espacial e o pensamento geográfico como instrumentos afetivos e cognitivos que nos permitem a apropriação e a transformação das formas e conteúdos espaciais, especialmente, no transbordamento de contornos sociais que nos oprimem e nos separam, tornando-os cada vez mais sutis, menos marcantes e perceptíveis em nosso modelado social. Trata-se de apostar em projetos outros de mundo, com ideários e modelos alternativos de organização socioespacial. Por isso, precisamos desenvolver a complexidade em Geografia por meio do aperfeiçoamento da mediação da categoria central de espaço geográfico no ensino de Geografia que ocorre nas unidades escolares da Educação Básica.

Referências

- ALMEIDA, Maria Geralda. A reinvenção da natureza. *Espaço e Cultura*, UERJ, n. 17, p. 41-53, jan./dez. 2004.
- BRASIL. Ministério da Educação. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular: Ensino Fundamental*. Brasília: MEC, 2017.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O lugar no/do mundo*. São Paulo: Edusp, 2007.
- CASTRO, Iná Elias. O problema da escala. In: CASTRO, Iná Elias; GOMES, Paula César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p. 117-140, 2017.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. *Pensar pela geografia: ensino e relevância social*. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2019.
- COSGROVE, David. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROZENDAHL, Zeny (org.). *Geografia cultural: uma antologia (1)*. Rio de Janeiro: Eduerj, p. 219-237, 2012.
- COSTELLA, Roselane Zordan. *O significado da construção do conhecimento geográfico gerado por vivências e por representações espaciais*. 2008, 208 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.
- DARDEL, Eric. *O homem e a terra: natureza da realidade geográfica*; tradução Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- FIGUERÓ, Adriano. *Biogeografia: dinâmicas e transformações da natureza*. São Paulo: Oficina de Textos, 2015.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da tolerância*. São Paulo: Paz e Terra, 2013.
- GOMES, Paulo César da Costa. *Quadros geográficos: uma forma de ver, uma forma de pensar*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

HAESBAERT, Rogério. *Regional-global: dilemas da região e da regionalização na geografia contemporânea*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2016.

HAESBAERT, Rogério. Desterritorialização: entre as redes e os aglomerados de exclusão. In: CASTRO, Iná Elias de.; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. (org.). *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

HARVEY, David. *Espaços de esperança*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

HARVEY, David. *A produção capitalista do espaço*. São Paulo: Annablume, 2015.

LENCIONI, Sandra. *Região e geografia*. São Paulo: Edusp, 1999.

MARANDOLA JR., Eduardo. Heidegger e o pensamento fenomenológico em geografia: sobre os modos geográficos de existência. *Geografia*, Rio Claro, v. 37, n. 1, p. 81-94, jan./abr. 2012.

MASSEY, Doreen Barbara. *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MORAIS, Eliana Marta Barbosa. *O ensino das temáticas físico-naturais na geografia escolar*. 2011. 310 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

MOREIRA, Ruy. *O discurso do avesso: para a crítica da geografia que se ensina*. São Paulo: Contexto: 2014.

MOREIRA, Ruy. *Espaço, corpo do tempo: a construção geográfica da sociedade*. Rio de Janeiro: Consequência, 2019.

PIAGET, Jean.; INHELDER, Barbel. *A imagem mental na criança*. Porto: Civilização, 1977.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização*. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2011.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Edusp, 2012.

SANTOS, Milton. *Técnica, espaço, tempo*. São Paulo: Edusp, 2013.

SHULMAN, Lee S. Knowledge and teaching: foundations of the new reform. *Harvard Educational Review*, v. 57, n. 1, p. 1-22, fev. 1987.

SOUZA, Marcelo Lopes. *Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

STEINBERGER, Marília. (org). *Território, estado e políticas públicas espaciais*. Brasília: Ler Editora/CNPq, 2013.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes; DE PAULA, Cristiano Quaresma. Geografia e questão ambiental, da teoria à práxis. *Ambientes*, v. 1, n. 1, p. 79-102, 2019.

SUESS, Rodrigo Capelle. *Educação (pesquisadora) pelo professor (pesquisador) em Geografia: desafios e possibilidades no/do espaço geográfico da rede pública de ensino do Distrito Federal*. 2022, 368 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, 2022.

TUAN, Yi-Fu. *Geografia Humanística In: CHRISTOFOLETTI, Antônio (org.). Perspectivas da geografia*. São Paulo: DIFEL, 1982.

TUAN, Yi-Fu. Ambiguidades nas atitudes para com o meio ambiente. *Boletim Geográfico*, Rio de Janeiro: IBGE, v. 33, n. 245, p. 5-23, 1975.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Londrina, PR: Eduel, 2012.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Tradução de Livia de Oliveira. Londrina, PR: Eduel, 2013.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

Rodrigo Capelle Suess

Professor de Geografia junto à Secretaria de Educação do Distrito Federal - SEEDF. Doutor e Mestre em Geografia pela Universidade de Brasília - UnB. Graduado em Geografia pela Universidade Estadual de Goiás - UEG. Faz parte do Grupo de Pesquisa Ensino, Aprendizagem e Formação de Professores em Geografia (GEAF-UnB). Pesquisa os seguintes temas: Educação e Currículo; Formação e desenvolvimento profissional docente; Educação Patrimonial; Educação Ambiental; Educação Geográfica/Geografia Escolar; Geografia Humanista Cultural; Geografia do Brasil; Geografia Urbana.

Endereço profissional: Sede da SEEDF, Shopping ID, SCN, Quadra 06, Conjunto A, Edifício Venâncio 3.000, Bloco B, 7º andar, Brasília/DF, CEP: 70.716-900.

E-mail: rodrigo.cappellesuess@gmail.com

Cristina Maria Costa Leite

Geógrafa, Doutora em Educação, com Mestrado em Gestão Ambiental e Especialização em Gestão do Território e Sensoriamento Remoto. Professora efetiva da Universidade de Brasília, com atuação na Graduação em Pedagogia e na Pós-Graduação em Geografia, no processo de formação de professores na área de Geografia, bem como na análise das questões referentes ao ensino/aprendizagem desse campo disciplinar. Líder do Grupo de Pesquisa Ensino, Aprendizagem e Formação de Professores em Geografia (GEAF-UnB).

Endereço profissional: Campus universitário Darcy Ribeiro, Faculdade de Educação, Departamento de Métodos e técnicas-MTC, Brasília-DF/CEP 70910-900.

E-mail: criscostaleite@gmail.com

Recebido para publicação em 25 de dezembro de 2022.

Aprovado para publicação em 31 de julho de 2023.

Publicado em 10 de agosto de 2023.